

Como Sistemas Compartilhados de Crenças Políticas Explicam as Mudanças no Voto em Eleições Presidenciais Brasileiras

CLAYTON PEREIRA GONÇALVES

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UNIR)

LUCIANO ROSSONI

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

Agradecimento à órgão de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Como Sistemas Compartilhados de Crenças Políticas Explicam as Mudanças no Voto em Eleições Presidenciais Brasileiras

RESUMO

Neste artigo, nós buscamos demonstrar que, apesar da recente polarização política nas eleições presidenciais brasileiras, a população apresenta esquemas heterogêneos de organização de suas crenças políticas, indo além da distinção entre esquerda e direita. Para tanto, nós buscamos capturar tal heterogeneidade de crenças políticas por meio do método Análise de Classes Correlacionais (CCA), que organiza os respondentes em subpopulações a partir do quanto suas atitudes apresentam um padrão similar, independentemente de haver consenso. Tendo base estudos acerca da cultura política, nós averiguamos as atitudes dos eleitores frente a quatro temas: gastos do governo, direitos civis, mudança social e política externa e humanitária. Tais temas nos permitiram capturar três classes esquemáticas distintas – Ideólogos, Quase Ideólogos e Interesse de Grupo. Além disso, apontamos que estas classes esquemáticas moderam a relação entre posicionamento político e decisões políticas. Por fim, os resultados indicam que o sistema de crenças políticas se mostrou como elemento importante para análise do comportamento eleitoral, visto que eleitores com sistema de crenças menos consistente (Interesse de Grupo e Quase Ideólogos) apresentaram duas vezes e meia mais chances de mudar o voto do que os eleitores com sistema de crenças mais consistente (Ideólogos).

Palavras-chave: Sistemas de crenças políticas; cultura política; esquemas culturais; classes correlacionais; comportamento eleitoral.

1. INTRODUÇÃO

Recorrentemente, afirma-se que a crença política do brasileiro está cada vez mais polarizada. Tal afirmação pauta-se especialmente no contraste entre as duas últimas eleições presidenciais, em que, em 2014, elegemos um governo de esquerda; já em 2018, um governo de extrema direita. Isso porque, sob a ótica de teorias psicológica do comportamento eleitoral, o eleitor toma a decisão do seu voto baseada no grau de intensidade em relação a um conjunto de temas políticos associados às suas preferências (CAMPBELL; CONVERSE; MILLER; STOKES, 1964), de forma que, se a atitude perante a tais temas muda, as preferências políticas acompanham tais mudanças.

Estudos empíricos tentam capturar tais preferências políticas por meio de levantamentos cuja intenção é evidenciar a cultura política do eleitor (HUNZAKER; VALENTINO, 2019; JOST, 2017; NAPIER; JOST, 2008). Logo, considerando que a cultura, inclusive a política, é formada por crenças individuais compartilhadas (DIMAGGIO, 1997), em nosso estudo seguimos o mesmo caminho, buscando identificar tais crenças em quatro dimensões: gastos do governo, direitos sociais, mudanças sociais e política externa e humanitária (CONVERSE, 2006 [1964]; BALDASSARI; GOLDBERG, 2014; BAQUERO, 1994). Nossa expectativa é que analisar o sistema de crenças políticas permite compreender melhor o eleitor do que avaliando somente uma posição declarada em esquerda ou direita. Então, por utilizarmos escalas para cada uma das dimensões com múltiplos itens, avaliamos o grau de relevância dado por cada eleitor para cada dimensão. Isso permite capturar posições bastantes heterogêneas (BALDASSARI; GOLDBERG, 2014), como, por exemplo, de um eleitor ser conservador na economia e ter uma posição favorável às mudanças sociais, assim como, de indivíduos que se preocupam com ações humanitárias, mas rejeita tanto um Estado centralizado, quando as doutrinas da ideologia de esquerda (ZIZEK, 2014).

Apesar de haver heterogeneidade de crenças políticas, estudos que buscam avaliar sua variação tendem a segmentar a amostra em subgrupos nos quais os indivíduos são agregados pela similaridade ou consenso acerca de tais crenças (BORBA, 2005; BAQUERO, 2011; CONVERSE, 2006 [1964]; FAETI; GIMENES, 2018). Tal estratégia apresenta dois

problemas: o primeiro é analítico, pois como tais grupos apresentam valores similares nas variáveis, pouco se pode explorar da heterogeneidade dentro de cada grupo. O outro é de natureza epistemológica, pois pressupõe que culturas compartilhadas são consensuais, ignorando que indivíduos podem ter as mesmas formas de organizar suas crenças políticas, mesmo que discordem. Diante de tais problemas, Baldassarri e Goldberg (2014) empregaram uma nova técnica – denominada Análise de Classes Relacionais (RCA) - para segregar casos que compartilham dos mesmos esquemas, ou seja, apresentam padrões similares de respostas num questionário, mesmo quando discordem.

No presente estudo, buscamos demonstrar que, apesar da recente polarização política nas eleições presidenciais brasileiras, a população apresenta esquemas heterogêneos de organização de suas crenças políticas, indo além da distinção entre esquerda e direita. Para tal, nós buscamos capturar tal heterogeneidade de crenças políticas por meio do método Análise de Classes Correlacionais (CCA), uma evolução do RCA, que organiza os respondentes em subpopulações a partir do quanto suas atitudes apresentam um padrão similar, independentemente de haver consenso. Para tanto, nós averiguamos as atitudes dos eleitores frente a quatro temas: gastos do governo, direitos sociais, mudança social e política externa e humanitária. Tais temas nos permitiram capturar três classes esquemáticas distintas – Ideólogos, Quase Ideólogos e Interesse de Grupo – cuja relação entre posicionamento político (mais à esquerda ou à direita) e os temas apresentam lógicas distintas.

Nossa tese é que as diferentes classes esquemáticas do eleitorado brasileiro vão além do consenso, que moderam a relação entre posicionamento político e suas decisões políticas. O posicionamento político por si só não explica sozinho, mas sim, a relação de posicionamento político com os sistemas de crenças políticas. Entendemos que este seja um caminho para compreender a mudança de voto entre as eleições presidenciais de 2014 e 2018, bem como a crescente abstenção de votos brancos e nulos.

O estudo está estruturado em cinco partes: (1) apresentamos a literatura sobre sistema de crenças e cultura política, (2) esquemas culturais da política e voto e os (3) dados e o método adotado. Em seguida, (4) trazemos o mapeamento dos esquemas de crenças políticas e análise dos resultados. Por fim, (5) discutimos os resultados.

2. SUPORTE TEÓRICO E HIPÓTESES

2.1 Sistema de Crenças da Cultura Política

O sistema de crenças consiste numa estrutura de ideias e atitudes em que os elementos são relacionados por um determinado grau ou interdependência funcional (CONVERSE, 2006). Quando estas ideias e atitudes estão relacionadas às predileções dos eleitores, no campo da política, temos o sistema de crenças políticas dos eleitores (CONVERSE, 2006; JOST; FEDERICO; NAPIER, 2009). Contudo, conseguir captar o sistema de crenças de indivíduos distintos, em termos de grupos, é difícil de medir e representar (CONVERSE, 2006; DIMAGGIO, 1997; BALDASSARI; GOLDBERG, 2014).

DiMaggio (1997) aponta que a cultura é formada por representações compartilhadas de crenças individuais com consequências comportamentais relevantes. Como exemplo, o autor cita a pesquisa de Noelle-Neumann (2003 [1980]) sobre a espiral do silêncio, em que alguns indivíduos, em situações de debates, calam-se, mesmo que discordem da opinião dos outros.

Nas eleições presidenciais de 2018, notamos um avanço de ideias e opiniões conservadoras que pareciam ter sido suplantadas. A força demonstrada, nos resultados eleitorais destes grupos, indica que possivelmente tais indivíduos estavam apenas silenciados.

No caso específico da cultura política, estudos contemporâneos pressupõem que ela é formada por meio de significados compartilhados (BALDASSARI; GOLDBERG, 2014; BOUTYLINE, 2017; WU, 2014), cujos esquemas culturais são captados por meio da apreciação cognitiva dos indivíduos sobre a realidade social (DIMAGGIO, 1997; STRAUSS;

QUINN, 1997). Sendo assim, por meio do sistema de crenças políticas do eleitor brasileiro conseguiremos mapear os esquemas culturais relacionado a política.

2.2 Esquemas Culturais da Política e Voto

As associações cognitivas são essenciais para a compreensão de processos culturais compartilhados (HUNZAKER; VALENTINO, 2019). Estas associações baseadas em esquemas possibilitam melhor compreensão acerca do voto do eleitor brasileiro. DiMaggio (1997) apontou que a cultura opera por meio de estruturas mentais e representações esquemáticas de fenômenos sociais. Strauss e Quinn (1997) estabelecem que os esquemas podem ser entendidos como mecanismos do processamento cognitivo da informação.

Ademais, o processo cognitivo de formação de esquemas culturais funciona como *tightness* (MARTIN, 2000, 2002; RAWLINGS; CHILDRESS, 2019; WOOD *et al.*, 2018). Significa analisar os significados compartilhados por meio da organização de ideias e preferências, que emergem de redes complexas de significados (EMIRBAYER, 1997; MOHR; WHITE, 2008). Também, os significados compartilhados são resultados de um processo social que funciona em grupos como resultado da realidade social (ROSSONI *et al.*, 2021). Dessa forma, busca-se as razões e justificações que formam o sistema e não um padrão consensual de julgamentos em relação aos fatos.

Uma dificuldade apontada para a captação dos sistemas de crenças políticas é o argumento de que grande parte dos eleitores não conseguem expressar, em linhas gerais, a base de suas crenças políticas. No entanto, esse sistema é organizado por meio de atitudes e comportamentos, mesmo que não consigam expressar discursivamente suas ideias, por meio de suas atitudes e comportamentos, é possível captar tais sistemas (CONVERSE, 2006 [1964]).

O voto é uma atitude do eleitor gerada em resposta às crenças avaliativas (AJZEN; FISHBEN, 1980; LEUNG, *et al.*, 2002; CHONG; DRUCKMAM, 2007). Logo, pretendemos analisar de que forma o sistema de crenças políticas (CONVERSE, 2006; BALDASSARI; GOLDBERG, 2014) se relacionam com a decisão do voto presidencial no Brasil.

Além disso, a atitude do eleitor em relação ao voto tem sido objeto dos estudos relacionados ao comportamento eleitoral, desde meados do século XX, como os clássicos trabalhos de Lazarsfeld *et al.*, (1944) de Downs (1957) e Campbell *et al.* (1960). Estes trabalhos são conhecidos respectivamente por teoria sociológica, teoria da escolha racional e teoria psicológica.

Por meio da análise de classes relacionais (RCA) (GOLDBERG, 2011) e análise de classes correlacionais (CCA) (BOUTYLINE, 2017), tornou-se possível assimilar os sistemas de crenças compartilhados de uma determinada população e avançar no entendimento a este respeito. Ambos os métodos utilizam a abordagem relacional e se diferenciam, apenas, na forma de partilhar as classes (para maiores detalhes ver Rossoni *et al.*, (2021)). Trata-se de uma técnica indutiva para análise cultural que auxilia na construção das classes de eleitores, de acordo com o sistema de crenças políticas compartilhadas. No entanto, relembramos a possibilidade de combinar a técnica com outros métodos de análise hipotético dedutivo, por meio de construção *a priori* de hipóteses, como sugerido e aplicado por Hunzaker e Valentino (2019), os quais analisaram como liberais e progressistas do eleitorado americano compreendem o significado de pobreza.

O sistema de crenças políticas consiste numa estrutura de ideias e atitudes relacionadas às predileções dos eleitores no campo da política (CONVERSE, 2006; JOST; FEDERICO; NAPIER, 2009; BALDASSARI; GOLDBERG, 2014). O grau e a interdependência funcional, as quais relacionam os elementos do sistema de crenças políticas, referem-se à probabilidade de ocorrer alguma mudança, na configuração de crenças do eleitor, em relação as suas crenças generalizadas (LEUNG *et al.*, 2002). Isto é, Leung *et al.* (2002) compreendem as crenças como expectativas generalizadas que influenciam os comportamentos sociais e podem ser do tipo:

crenças avaliativas como, por exemplo, os valores; ou crenças normativas como são os axiomas sociais, que são crenças generalizadas, geralmente, em forma de afirmação sobre a relação entre dois princípios.

Dessa forma, o sistema de crenças políticas compartilhadas é multidimensional e permite identificar maneiras distintas de organização das crenças dos eleitores como, por exemplo, encontrar uma classe de eleitores que são bastante “conservadores” nas suas crenças relacionadas aos costumes e “liberais” no que diz respeito à economia (BALDASSARI; GOLDBERG, 2014). A presente abordagem permite captar essa ambiguidade, e, como sugere Carlin e Singer (2011) a respeito do apoio ao regime democrático, uma classificação unidimensional obscurece uma gama de informações, as quais são relevantes para a compreensão do sujeito.

Sendo assim, as classes de eleitores serão formadas pelo sistema de crenças políticas compartilhadas que as caracterizam (GOLDBERG, 2011; BOUTYLINE, 2017) e, visto que o posicionamento político afeta as preferências políticas dos eleitores, adotando preferências relacionadas ao seu posicionamento ideológico (HUNZAKER; VALENTINO, 2019), o partidarismo é capaz de moldar esse sistema de crenças políticas (BOUTYLINE; VAISEY, 2017; VAN BAVEL; PEREIRA, 2018).

Para compreendermos melhor o comportamento eleitoral do brasileiro, partimos do pressuposto da heterogeneidade populacional (DIMAGGIO *et al.*, 2018; GOLDBERG, 2011; XIE, 2013). Logo, entendemos que a população de uma maneira geral organiza suas crenças de forma distinta, princípio da multiplicidade (DIMAGGIO *et al.*, 2018). Nesse sentido, estruturas distintas formam sistemas de crenças políticas distintos, os quais se relacionam com o voto, bem como com as preferências políticas de forma distinta. Dessa forma, propomos as seguintes hipóteses:

H1: As classes moderam o efeito do posicionamento político (esquerda x direita) nas dimensões gastos do governo (h1.1), direitos sociais (h1.2), mudanças sociais (h1.3) e política externa (h1.4).

Todavia, ao pensarmos no efeito do sistema de crenças políticas no voto, devemos considerar que alguns eleitores apresentam mais variações, nas suas atitudes, do que outros, resultado de influências sociais e mudanças circunstanciais (SAMMUT; BAUER, 2011). Não se pode deixar de considerar que as características institucionais, políticas e culturais afetam a decisão do voto no cenário brasileiro (BORBA, 2012). Atualmente, diversos indivíduos participam de tradições culturais plurais, mesmo que apresentem elementos inconsistentes em determinados momentos, o que demonstra a capacidade de estabelecerem respostas distintas e inconsistentes de acordo com situações contextuais (DIMAGGIO, 1997). Assim, as atitudes, também, são afetadas por características culturais no contexto em que o eleitor está inserido (SAMMUT, 2015).

Ademais, o voto é uma atitude do eleitor gerada em resposta a crenças avaliativas (AJZEN; FISHBEN, 1980; LEUNG, *et al.*, 2002; CHONG; DRUCKMAM, 2007). Logo, pretendemos analisar de que forma o sistema de crenças políticas (CONVERSE, 2006[1964]; BALDASSARI; GOLDBERG, 2014) se relaciona com a decisão do voto presidencial no Brasil. Buscamos um caminho para a compreensão da polarização política vivenciada, no Brasil, dado a existência de trabalhos que já apontam para uma polarização política nas massas (DIMAGGIO; EVANS; BRYSON, 1996; FIORINA; ABRAMS, 2008). Dessa forma, propomos a seguinte hipótese:

H2: Quanto menos consistente o sistema de crenças políticas do eleitor, maior será a probabilidade de mudança do voto.

3. MÉTODO

3.1 Dados

Os dados foram coletados por meio de um questionário eletrônico, cujos respondentes foram selecionados em listas de telefone e e-mail. Adotamos uma amostra não probabilística por conveniência (HAIR et al., 2018) e bola de neve (GOODMAN, 1961), uma vez que não foi possível acessar eleitores de todos os estados e Distrito Federal por meio de amostra aleatória (FIELD, 2017). Obtivemos uma amostra com 2049 respondentes, dos quais 612 foram descartados por apresentarem dados ausentes, e outros 20 foram eliminados por serem repetidos. Isso nos permitiu compor uma amostra com 1417 casos, distribuídos assimetricamente entre as regiões do país. A pesquisa foi aplicada entre os meses de março a novembro, do ano de 2019, por meio virtual.

3.2 Variáveis

As variáveis dependentes da presente pesquisa são compostas pelo voto, no primeiro e segundo turno, nas eleições presidenciais de 2014 e 2018. Os itens referentes às eleições de 2014 são os mesmos praticados pelo Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB, 2014). Os itens de 2018 seguiram a mesma lógica, múltipla escolha com todos os candidatos, “branco ou nulo”, “não votei ou justifiquei” e “não lembro”.

Com os dados coletados para as variáveis dependentes criamos uma outra variável dependente, mudança de voto, que consiste nos respondentes que votaram no Aécio no segundo turno de 2014 e alteraram o voto para Haddad no segundo turno de 2018 assim como, os que votaram na Dilma no segundo turno de 2014 e alteraram o voto para Bolsonaro no segundo turno de 2018.

Como o interesse deste estudo é avaliar o efeito dos sistemas de crenças políticas do eleitor e sua influência, tanto no voto presidencial, como nas preferências políticas, no que diz respeito às dimensões da cultura política e posicionamento político, buscamos operacionalizar esse efeito por meio da moderação das classes correlacionais.

Como já mencionado, optamos por avaliar a cultura política por meio de quatro dimensões políticas: *gastos do governo* composto, *direitos sociais*, *mudanças sociais e política externa e humanitária* (BALDASSARI; GOLDBERG, 2014; BOUTYLINE; VAISEY, 2017; CONVERSE, 2006 [1964]) – que serviram de base para a identificação das classes esquemáticas por meio da Análise de Classes Correlacionais (CCA). Utilizamos e adaptamos itens presente, no ESEB (2014), LAPOP (2017) e ANES, cujas atitudes foram medidas em escalas Likert de cinco pontos (de 1 discordo totalmente para 5 concordo totalmente). Na tabela 1 expomos os valores referente aos testes e correlação entre as dimensões como sugerem Field (2017) e Hair et al. (2018).

Tabela 1 Correlação Intraclasse e Confiabilidade dos Fatores da Cultura Política

	Itens	KMO	Alfa de Cronbach	ICC	2	3	4
1. Gastos do Governo	17	0,943***	0,93	0,45***	0,739**	0,540**	0,503**
2. Direitos Sociais	14	0,903***	0,9	0,39***		0,668**	0,586**
3. Mudanças <i>Sociais</i>	7	0,865***	0,83	0,40***			0,516**
4. Política externa e humanitária	6	0,793***	0,81	0,41***			

Nota: ***Bartlett($p < 0,001$); ** $p < 0,01$; N = 1417.

Tomamos o posicionamento político (Posicionamento de Direita) do eleitor como variável independente, que foi mensurado por uma escala que varia de 0 a 10, em que 0 representa um posicionamento à esquerda e 10 à direita, muito comum em outras pesquisas relacionadas ao tema (BRANDT, 2020; ESEB, 2014; JOST, 2006; RODRIGUEZ;

SABUCEDO; COSTA, 1993). Como variáveis de controle utilizamos: (i) Religiosidade, uma escala que mede a importância da religião na vida; (ii) Uma variável para medir a idade; (iii) Masculino é uma *dummy* em que o gênero feminino é a referência; (iv) Heterossexual é uma *dummy* em que a orientação sexual heterossexual é contraponto à referência das demais orientações; (v) Renda é uma variável ordinal crescente; (vi) Instrução é variável ordinal crescente para categorizar a instrução do respondente; (vii) Branco é uma *dummy* em que a cor branca é contraponto às demais, que são a referência; (viii) Casado é uma *dummy* em que categoria casado é contraponto às demais categorias que são a referência.

3.3 Mapeando os Esquemas de Crenças Políticas por meio de Classes Correlacionais

Para capturar os esquemas de crenças políticas por meio do CCA, utilizamos os quatro fatores da cultura política: *gastos do governo, direitos sociais, mudanças sociais e política externa e humanitária*. Três classes relacionais foram identificadas, as quais corresponderam a 28% (n=401), 47% (n=669) e 25% (n=347) do total de 1417 respondentes. Para cada classe, representamos a rede de crenças com base nas correlações entre as crenças políticas analisadas, para construir as dimensões da cultura política. Relembramos que as classes não representam grupos homogêneos, trata-se de uma técnica para captar sistemas organizados de forma compartilhada que apresentam heterogeneidade populacional. Dessa forma, dentro de uma mesma classe, existem grupos distintos que julgam tais crenças como importantes, mesmo que discordem (BOUTYLINE, 2017; GOLDBERG, 2011). Com o intuito de evidenciar a distinção dos sistemas de crenças formado pelas classes, aplicamos o teste de Jennrich (1970), para testar a igualdade das matrizes de correlação da amostra total, em relação as classes e entre as próprias classes. Todos os testes apontaram que as matrizes são significativamente distintas ($p < 0,001$).

3.4 Modelos e estratégia de identificação

Como estratégia de identificação, buscamos um tratamento quase experimental nas classes esquemáticas por meio do *Propensity Score Matching*, a fim de gerar os pesos para cada caso com intuito de gerar maior robustez na análise (BURGETTE; GRIFFIN; MACCAFFREY, 2017). O objetivo deste estudo não é, exatamente, reduzir o viés da amostra para cada grupo, mas, buscar garantir que o efeito das classes seja resultado da estrutura das relações das variáveis. Para tal, rodamos a propensity score com os mesmos itens que utilizamos para gerar as classes, pelo método *Average Treatment Effect (ATE)*, e em cada modelo que analisamos as classes, utilizamos a variável gerada *w.psm* como variável de controle.

No primeiro momento, analisamos o efeito moderador das classes correlacionais no efeito do posicionamento político nas dimensões políticas, lembrando que uma variável **moderadora** afeta a direção ou a força da relação entre uma variável independente e a variável dependente (BARON; KENNY, 1986; HAYES, 2017; VIEIRA, 2009).

Por fim, analisamos, por meio da regressão logística, a influência e os efeitos das classes correlacionais, em relação à mudança de voto válido ocorrido entre as eleições de 2014 e 2018 (segundo turno), utilizamos o método de seleção de amostras proposta por Heckman (1976), para calcular o *Inverse Mills Ratio (IMR)*, a fim de selecionar parte da amostra, a qual manteve o voto válido em ambas as eleições, como sugerido por Toomet e Henningsen (2008), com o objetivo de melhorar o modelo de análise, mitigando o viés de seleção.

3.5 Checagem de robustez

Com intuito de identificar se os dados das variáveis atendiam aos pressupostos de normalidade e linearidade, realizamos um diagnóstico a respeito da normalidade, colinearidade, resíduos e observações influentes. Todas as variáveis apresentaram valores aceitáveis para assimetria e curtose (valores entre -1,5 e 1,5) (FIELD, 2017). Prosseguindo com o diagnóstico dos dados, as correlações (valores abaixo de 0,8) entre as variáveis e o VIF (valores abaixo de 5), também, não apresentaram problemas relacionados à multicolinearidade (HAIR et al.,

2018). Retiramos alguns outliers que apresentaram resíduos padronizados ($Z_{red} > 2,5$) acima do aceitável, assim como, à distância de Cook e a alavancagem (*leverage*) fora dos limites recomendados. As estatísticas de influência DFBeta padronizado para todas as variáveis apresentaram valores abaixo de 1 (FIELD, 2017). Todos os modelos apresentaram valores adequados para a estatística de Durbin-Watson ($1,5 < \text{Durbin-Watson} < 2,5$), como recomendado por Field (2017).

3.6 Pré-teste

Ademais, realizamos um pré-teste para averiguação do nível de resposta proposta, observação das escalas de medição, falhas na organização das perguntas e possíveis dúvidas geradas pelo tema proposto da pesquisa, realizamos um pré-teste com 78 respondentes durante o mês de fevereiro de 2019.

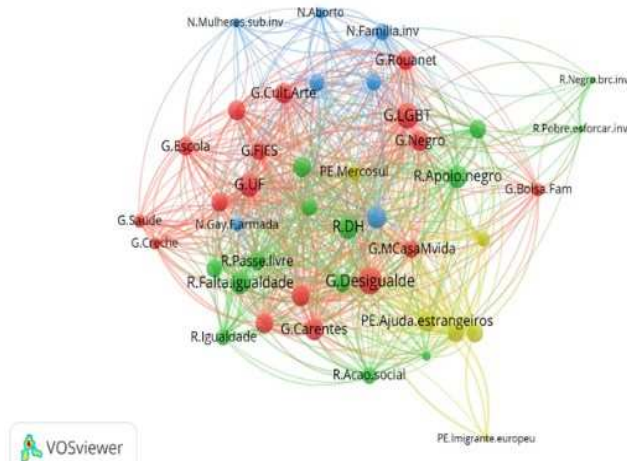
4. RESULTADOS

4.1 Sistemas de crenças políticas por meio de classes esquemáticas

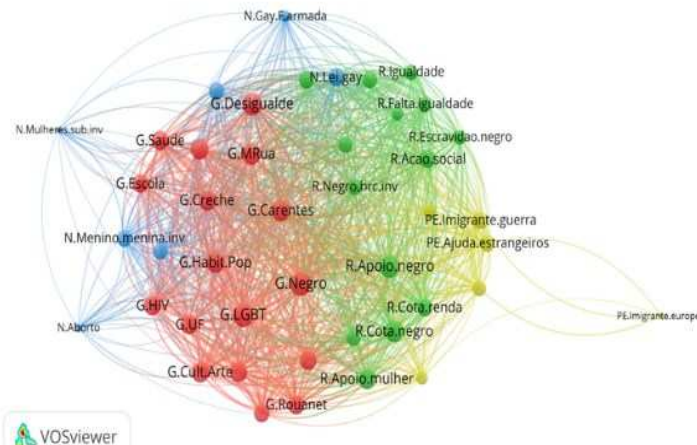
Faremos aqui uma breve apresentação acerca de cada classe. A classe 1 apresentou um sistema de crenças pouco coeso, com baixa correlação entre as crenças, com diversas crenças periféricas afastadas do sistema e não é possível identificar uma dimensão coesa com os itens que compõem as dimensões e algumas correlações não significativas ($p > 0,05$), destacadas em amarelo, nomeamos como um sistema de crenças representativo de *Interesse de grupo*, por representarem grupos que se preocupam com si próprio. A classe 2 apontou um sistema de crenças consistente, com alta correlação entre a grande maioria das crenças, com as dimensões: *gastos do governo, direitos sociais e política externa e humanitária* estão muito bem definidos e coesos e poucas correlações não significativas ($p > 0,05$). Nomeamos esta classe como um sistema de crenças dos *Ideólogos* por representar grupos que, notadamente, compreendem as dimensões políticas, as quais formam a cultura política e organizam suas atitudes políticas, seguindo o campo ideológico esquerda x direita. Por fim, a classe 3 é formada por um sistema de crenças que se localiza entre as duas primeiras classes, tem um sistema mais coeso que a primeira, porém não muito consistente quanto a segunda, apresenta bastante correlações significativas ($p < 0,05$), contudo são baixas, com as dimensões *gastos do governo e política externa e humanitária* bem definidas. As dimensões *direitos sociais e mudanças sociais* apresentam algumas crenças importantes para a rede, mas não se mostram de forma coesa, as crenças aparecem dissociadas de sua dimensão, no sistema, com algumas crenças, mostrando-se periféricas. Apresenta também, algumas correlações não significativas ($p > 0,05$). Nomeamos como *Quase Ideólogos*, está associado a grupos que organizam suas atitudes políticas, buscando o campo ideológico, entretanto apresentam certa limitação na compreensão acerca das dimensões da cultura política. Tais sistemas de crenças políticas e nomeações foram identificados, no eleitorado norte americano (BALDASSARI; GOLDBERG, 2014; CONVERSE, 2006) e no eleitorado do Rio Grande do Sul (BAQUERO, 1994).

Todavia, grandes matrizes são pouco intuitivas para a interpretação de sistemas de crenças, exigindo recursos gráficos mais poderosos. Como a metáfora de redes se ajusta muito bem aos pressupostos e intuições de sistemas de crenças e valores, normalmente se busca representar tais classes usando grafos de análises de redes (BOUTYLINE; VAISEY, 2017; DIMAGGIO *et al.*, 2018; GOLDBERG, 2011). Por essa razão, na Figura 1, ilustramos a matriz de correlação de cada classe por meio de um grafo de rede.

Interesse de Grupo



Ideólogos



Quase Ideólogos

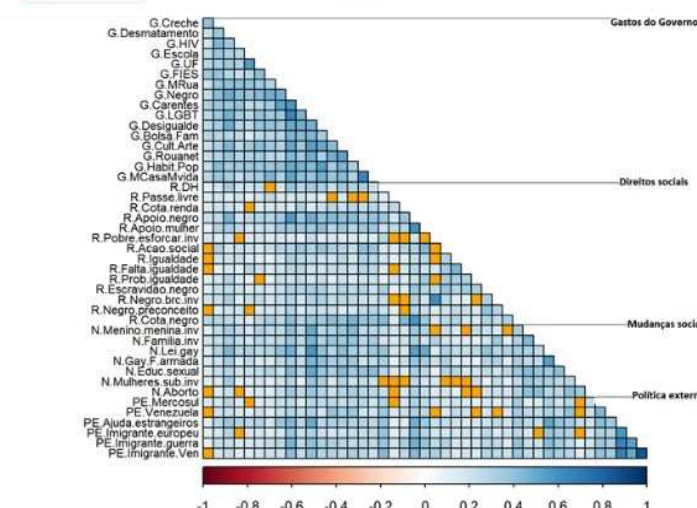
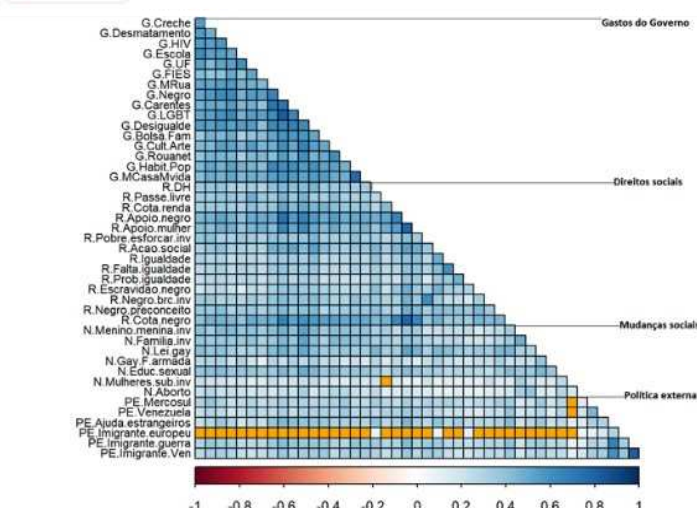
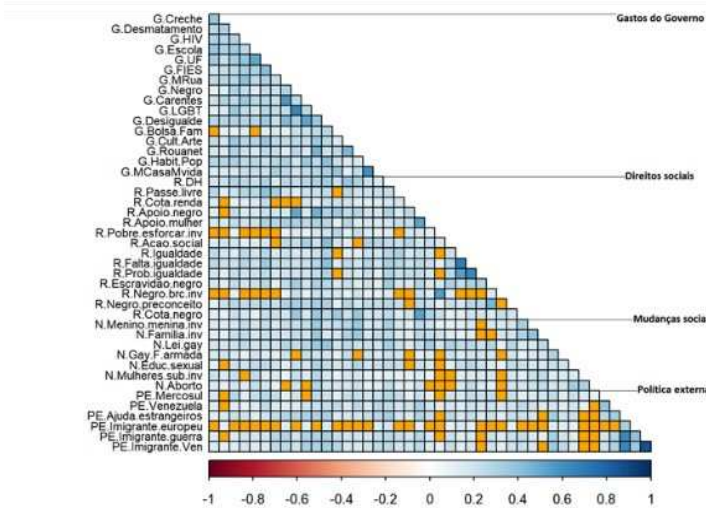
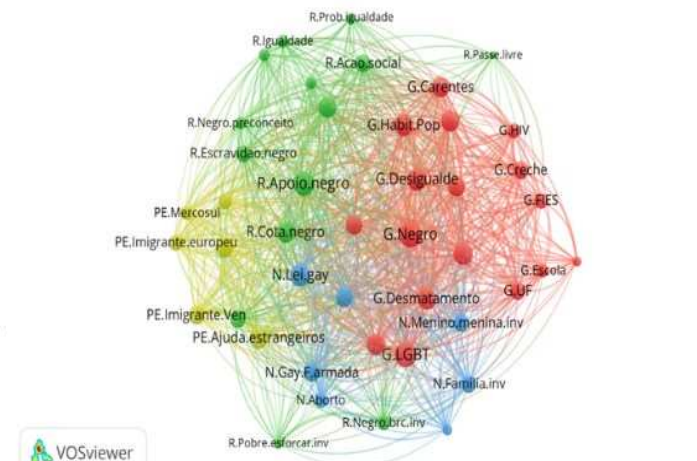


Figura 1 – Classes Esquemáticas dos Sistemas de Crenças Políticas. Nota: Os nós vermelhos são as crenças da dimensão gastos do governo, os nós verdes representam a dimensão direitos sociais, os nós azuis são as crenças da dimensão mudanças sociais e, por fim, as crenças relacionadas a política externa estão na cor amarelo. O tamanho do nó indica a importância da crença no sistema. Adicionalmente, nós plotamos a matriz de correlação das crenças de cada classe, as variáveis estão organizadas na forma que compõe cada dimensão da cultura política. Nota-se a presença de algumas correlações não significativas ($p > 0,05$), destacadas em amarelo. As correlações com azul mais intenso representam as correlações fortemente positivas enquanto, as correlações mais baixas apresentam um azul mais claro próximo da cor branca.

4.2 Efeito moderador dos sistemas de crenças políticas

Avaliamos o efeito moderador das classes em relação à influência do posicionamento político sobre cada uma das dimensões políticas da cultura política. Compilamos os resultados do modelo de cada dimensão política, na tabela a seguir, para facilitar a interpretação e análise dos resultados dos modelos. Cada modelo tem 2 contrastes para testar a moderação das classes. A categoria de referência para os contrastes é a classe interesse de grupo.

Nos modelos apresentados, as classes moderam significativamente o efeito do posicionamento político nas dimensões políticas, com coeficiente de explicação de 50,7% ($R^2 = 0,507$) para gastos do governo, 65,1% ($R^2 = 0,651$) para os direitos sociais, 67,9% ($R^2 = 0,679$) para as mudanças sociais e 25,4% ($R^2 = 0,254$) para política externa. As classes quase ideólogos ($b = 0,505$) e ideólogos ($b = 0,379$) apontam maior propensão para uma presença maior do Estado com aumento dos gastos. O posicionamento político ($b = - 0,104$) aponta que, quanto mais à esquerda, maior a propensão em concordar com aumento dos gastos do governo, o mesmo raciocínio se estende as demais dimensões.

No modelo 1, comparada com a categoria de referência interesse de grupo, para a classe quase ideólogos quanto mais a direita no posicionamento maior a concordância com aumento dos gastos do governo ($b = 0,028$), enquanto, para a classe ideólogos quanto mais a direita no posicionamento significa reduzir os gastos ($b = - 0,072$). No modelo 2, comparada com a categoria de referência interesse de grupo, para a classe quase ideólogos quanto mais a direita no posicionamento maior a concordância com os direitos sociais ($b = 0,030$), enquanto, para a classe ideólogos quanto mais a direita no posicionamento significa discordar de uma ampliação e manutenção dos direitos sociais ($b = - 0,045$). No modelo 3, comparada com a categoria de referência interesse de grupo, tanto a classe quase ideólogos ($b = - 0,045$) como a classe ideólogos ($b = - 0,027$) apontam que, quanto mais a direita no posicionamento maior a discordância com as mudanças sociais. Por fim, no modelo 4, comparada com a categoria de referência interesse de grupo, tanto a classe quase ideólogos ($b = - 0,034$) como a classe ideólogos ($b = - 0,071$) apontam que, quanto mais a direita no posicionamento maior a discordância com as mudanças sociais. Tais resultados corroboram as hipóteses 1.1 a 1.4.

Tabela 2 – Efeito Moderador das Classes

	<i>Variável Dependente:</i>			
	Gastos do Governo	Direitos Sociais	Mudanças Sociais	Política Externa
	(Modelo 1)	(Modelo 2)	(Modelo 3)	(Modelo 4)
w.psm	0.010 (0.008)	0.041*** (0.008)	0.031*** (0.009)	0.030*** (0.010)
Quase Ideólogos ¹	0.505*** (0.092)	0.662*** (0.086)	0.413*** (0.093)	0.404*** (0.116)
Ideólogos ¹	0.379*** (0.088)	0.955*** (0.082)	0.939*** (0.089)	0.643*** (0.111)
Posicionamento de Direita	-0.104*** (0.011)	-0.109*** (0.010)	-0.091*** (0.011)	-0.053*** (0.014)
Religiosidade	-0.013 (0.010)	-0.006 (0.009)	-0.093*** (0.010)	-0.010 (0.013)
Idade	0.002 (0.001)	0.00000 (0.001)	0.001 (0.001)	0.002 (0.002)
Masculino	-0.145*** (0.028)	-0.140*** (0.026)	-0.156*** (0.028)	0.033 (0.034)
Heterossexual	-0.203*** (0.045)	-0.071* (0.041)	-0.223*** (0.045)	0.007 (0.055)
Renda	-0.030*** (0.011)	-0.022** (0.010)	0.016 (0.011)	0.021 (0.013)
Instrucao	0.002 (0.015)	0.010 (0.014)	0.046*** (0.015)	-0.001 (0.018)
Branco	0.043 (0.029)	-0.007 (0.027)	0.117*** (0.030)	0.047 (0.036)
Casado	-0.034 (0.030)	-0.016 (0.027)	-0.171*** (0.030)	0.070* (0.037)
Quase Ideólogos x Posicionamento de Direita ¹	0.028** (0.014)	0.030** (0.013)	-0.045** (0.014)	-0.034** (0.017)
Ideólogos x Posicionamento de Direita ¹	-0.072*** (0.014)	-0.045*** (0.013)	-0.027** (0.014)	-0.071*** (0.017)
Constant	4.556*** (0.131)	4.289*** (0.121)	4.033*** (0.132)	3.699*** (0.163)
Observations	1,383	1,382	1,342	1,365
R ²	0.507	0.651	0.679	0.254
Adjusted R ²	0.502	0.647	0.676	0.246
Residual Std. Error	0.499 (df= 1368)	0.457 (df= 1367)	0.493 (df= 1327)	0.612 (df= 1350)
F Statistic	100.321*** (df= 14; 1368)	181.909*** (df= 14; 1367)	200.455*** (df= 14; 1327)	32.826*** (df= 14; 1350)

Note: *p**p***p<0.01; ¹.Categoria de referência: classe 1 - Interesse de Grupo.

Posicionamento de Direita: quanto menor posiciona mais à esquerda, quanto maior posciona mais à direita.

Variável dummy: Masculino, Heterossexual; Branco (etnia); Casado.

A figura a seguir, ilustra o efeito moderador das classes na relação posicionamento político e cada uma das dimensões da cultura política. Notamos que o eleitor da classe ideólogos apresenta a menor pontuação, na escala referente aos gastos do governo, indicando que na verdade é a favor da redução do Estado (valor abaixo de 3). Por outro lado, os eleitores de esquerda dos ideólogos e quase ideólogos apresentam a maior pontuação, indicando a concordância com uma presença maior do Estado. Também é possível notar que a amplitude entre esquerda e direita para cada classe é fortemente distinta. Observamos que a classe dos ideólogos é a que apresenta a maior amplitude e os quase ideólogos a menor amplitude. Fica evidente que o julgamento de concordar com um maior Estado, ou menor Estado, varia de acordo com os sistemas de crenças: o eleitor de direita da classe dos quase ideólogos apresenta uma pontuação de concordância moderada com uma maior presença do Estado, ao contrário dos eleitores de direita da classe dos ideólogos que discordam. O mesmo raciocínio se estende as demais dimensões da cultura política.

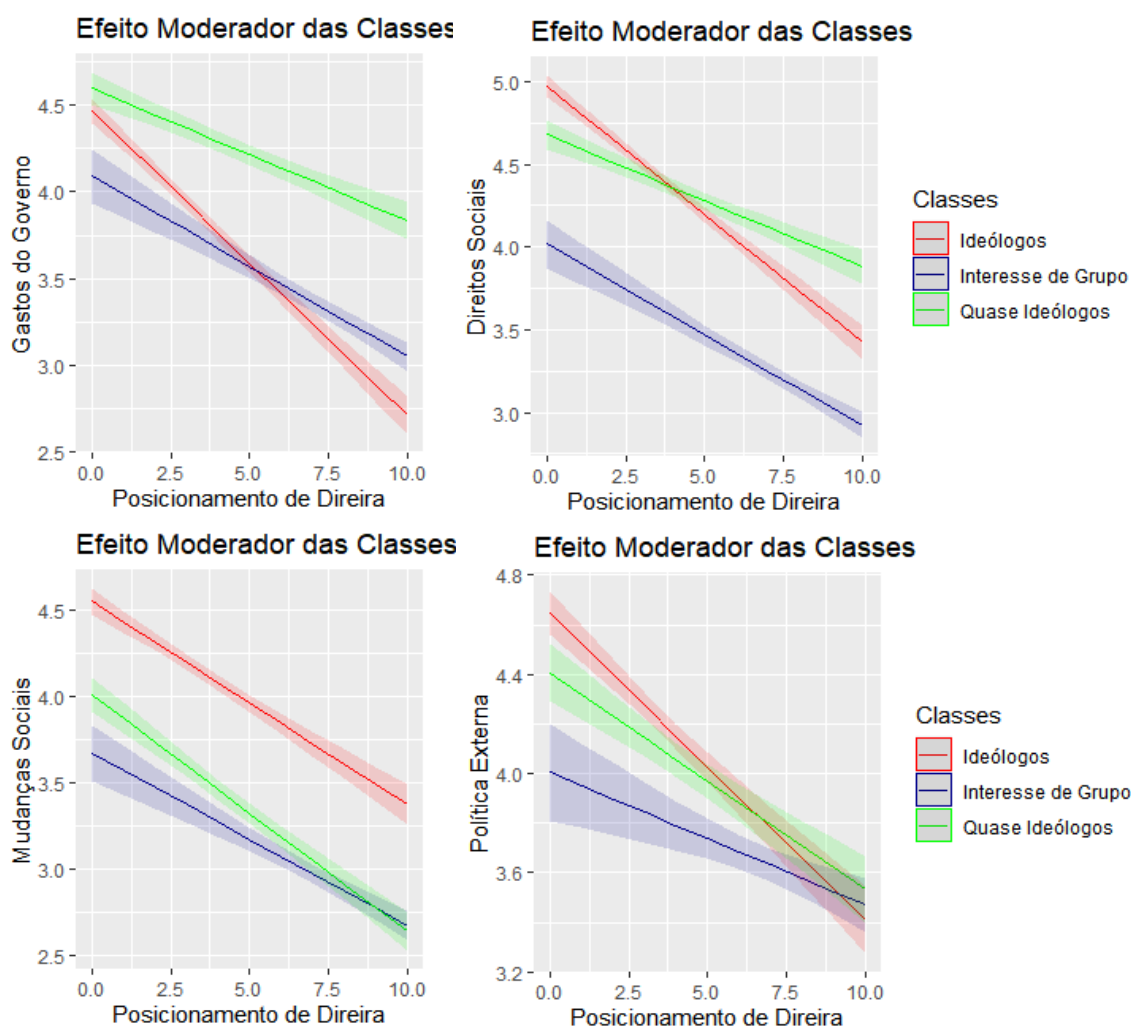


Figura 2 – Moderação das classes no posicionamento político e dimensão política externa.

Nota: No posicionamento político 0 representa esquerda e 10 direita.

Outro resultado, trazido pela análise de moderação, é a indicação do que foi proposto por Martin e Desmond (2010) de que a ideologia política age como um atalho, nas decisões políticas dos indivíduos, o que vai ao encontro do proposto por Boutyline e Vaisey (2017) sobre a ideologia política ser a crença central que pauta as decisões políticas dos indivíduos. Contudo, isso vale apenas para os eleitores, que possuem um sistema de crenças políticas como os ideólogos, os quais entendem bem as bases fundamentais, as quais formam o campo da esquerda e da direita na política. Para os demais indivíduos, eles até podem tentar utilizar a ideologia política como um atalho para suas decisões, mas, como não as têm claramente definidas, ou simplesmente não as seguem exatamente como defendido, os seus sistemas de crenças políticas atuam como o elemento central para suas decisões e não o posicionamento político.

4.3 Efeito do sistema de crenças políticas na mudança de voto presidencial

Na hipótese 2, avaliamos o efeito das classes em relação à mudança de voto válido ocorrido entre as eleições de 2014 e 2018 (segundo turno). Utilizamos a variável IMR1, como controle (gerada por meio do modelo 1, para os eleitores que apresentaram voto válido nas duas eleições). Além das variáveis de controle já apresentadas, acrescentamos duas variáveis categóricas: atividade profissional (3 categorias: funcionários de empresa privada, funcionário público e demais categorias, como liberais e autônomos por exemplo) e religião (3 categorias: católicos, demais religiões e sem religião). Para a variável atividade profissional, a categoria de

referência são os funcionários de empresa privada; para a variável religião são os católicos; e entre as classes, a categoria de referência é a classe ideólogos. Na tabela 3, apresentamos os coeficientes de regressão para cada um dos modelos e a *odds ratio* (OR) para o modelo 2.

O modelo 2 aponta as variáveis que explicam a mudança de voto válido entre as eleições de 2014 (segundo turno) e 2018 (segundo turno). Notamos que houve maior propensão à mudança por parte dos eleitores com posicionamento político mais à direita ($b = 0,228$), mais jovens ($b = -0,102$); menos religiosos ($b = -0,285$), das demais religiões ($b = 0,604$) e sem religião ($b = 1,068$), em relação aos católicos; dos funcionários de empresa privada ($b = -0,981$), em relação às demais categorias, exceto funcionalismo público.

Também, indica maior propensão à mudança de voto dos eleitores das classes quase ideólogos ($b = 0,938$) e interesse de grupo ($b = 0,882$), em relação à classe dos ideólogos, corroborando a hipótese 2. Neste caso a OR aponta que pertencer a classe quase ideólogos gera uma probabilidade de mudança de voto de 2,6 vezes maior do que pertencer a classe ideólogos, para a classe interesse de grupo a probabilidade é de 2,4 vezes. É importante ressaltar que testamos o mesmo modelo com uma variável *dummy* para testar o efeito de mudança de voto entre as classes interesse de grupo e quase ideólogos, o resultado foi um coeficiente próximo de zero e não significativo.

Tabela 3 – Efeito das Classes na Mudança de Voto

	<i>Variável Dependente:</i>		OR	2.5 %	97.5 %
	Voto Válido	Mudou o Voto Válido			
	(2014 e 2018)	(2014 e 2018)			
	<i>probit</i>	<i>logistic</i>			
	(Modelo 1)	(Modelo 2)			
Instrucao	0.062* (0.032)				
Casado	0.148** (0.070)				
Inverse Mills ratio		-3.997* (-2.258)	0.018	0.0002	1.535
w.psm		0.024 (0.063)	1.024	0.906	1.158
Posicionamento de Direita		0.228*** (0.045)	1.256	1.150	1.372
Idade		-0.102*** (0.016)	0.903	0.875	0.932
Religiosidade		-0.285*** (0.102)	0.752	0.616	0.918
Demais religiões ²		0.604** (0.273)	1.830	1.072	3.124
Sem religião ²		1.068*** (0.350)	2.909	1.464	5.778
Funcionário público ³		0.156 (0.300)	1.169	0.649	2.103
Demais categorias ³		-0.981*** (0.279)	0.375	0.217	0.649
Quase Ideólogos ¹		0.938*** (0.318)	2.555	1.370	4.765
Interesse de Grupo ¹		0.882*** (0.309)	2.416	1.318	4.430
Constant	-0.021 (0.169)	2.953* (-1677)	19.168	0.716	513.226
Observations	1,417	855			
Log Likelihood	-916.146	-261.016			
Akaike Inf. Crit.	1,838.291	546.032			
Nagelkerke R ²	0.010	0.265			

Nota: *p**p***p<0.01

¹Categoria de referência: classe 2 - Ideólogos;

²Categoria de referência: Católicos.

³Categoria de referência: Funcionários de empresa privada.

Posicionamento de Direita: quanto menor posiciona mais à esquerda, quanto maior posciona mais à direita.

Variável dummy: Masculino, Heterossexual; Branco (etnia); Casado.

A figura 3, representa graficamente os mesmos coeficientes apresentados, na tabela anterior (3). No gráfico, fica mais claro a visualização de como as variáveis explicam a mudança de voto válido ocorrida nas duas últimas eleições presidenciais. Fica evidente o efeito das

classes quase ideólogos e interesse de grupo, assim como os não religiosos, bem como as demais religiões em relação aos católicos.

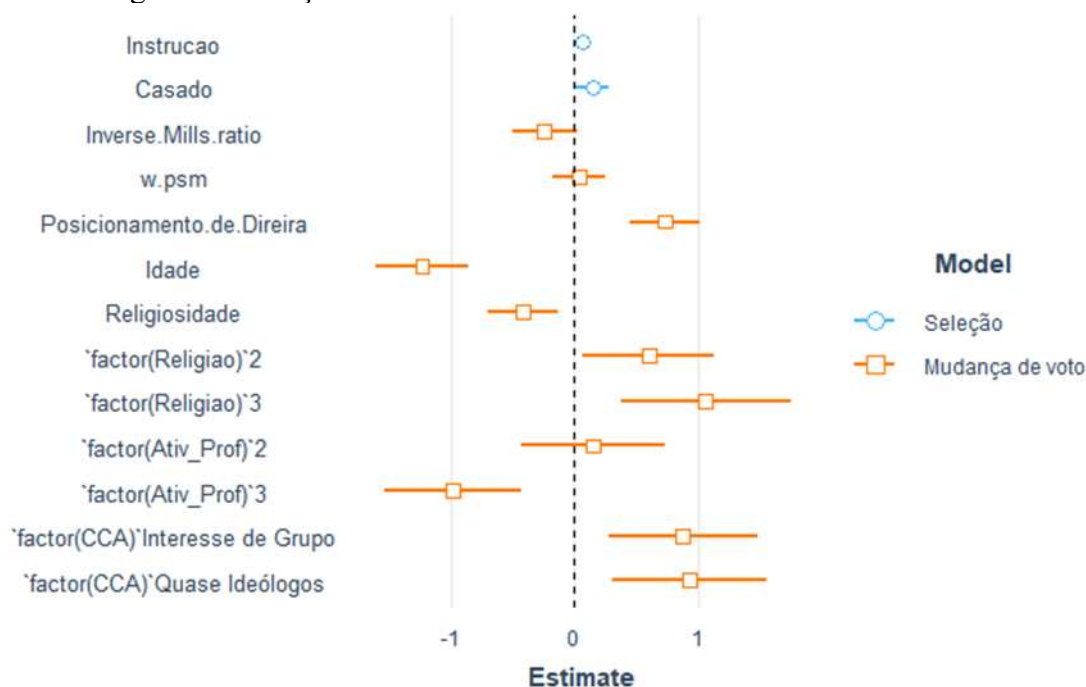


Figura 3 – Efeito das classes na mudança do voto válido entre as eleições.

Nota: Categorias de referência: CCA - Ideólogos; Atividade profissional (Ativ_Prof) – Funcionários de empresa privada; Religião: católicos.

Tal resultado confirma que, quanto menos consistente o sistema de crenças políticas, maior a propensão à mudança de voto, como sugere a teoria (BALDASSARI; GOLDBERG, 2014; BRATLI, 2018; CONVERSE, 2006 [1964]). Além disso, a mudança de voto relacionada aos eleitores, que apresentam um sistema de crenças políticas pouco consistente e, portanto, mal definido, relaciona-se com a possibilidade de se tratar de eleitores, possivelmente, pouco informados e em decorrência disso serem indecisos, assim, mudarem de opinião mais facilmente que os demais, bem como serem mais suscetíveis às ferramentas de marketing político utilizadas para induzir suas decisões (CONVERSE, 1962; MCNAIR, 2011).

5. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O objeto desta pesquisa foi o estudo dos sistemas de crenças políticas compartilhadas do eleitor brasileiro. O objetivo foi analisar como é organizado o sistema de crenças políticas do eleitor e sua relação com o voto.

Entre as implicações teóricas, a primeira delas, a qual destacamos é o aprofundamento, acerca do sistema de crenças políticas do eleitor brasileiro, que, até então, carecia de uma técnica mais refinada e robusta, capaz de identificar e aprofundar a sua compreensão. Com tal implicação, auxiliamos no avanço do entendimento sobre a cultura política do brasileiro destacando a importância da heterogeneidade populacional.

Pesquisas anteriores (HUNZAKER; VALENTINO, 2019; JOST, 2017; MARTIN; DESMOND, 2010; NAPIER; JOST, 2008) reforçam o argumento de que o posicionamento político afeta as preferências políticas dos eleitores. Contudo, ao analisarmos a cultura política do eleitor brasileiro por meio do sistema de crenças políticas identificamos que a relação entre posicionamento político e preferências políticas é moderado pelos sistemas de crenças. Como exemplo, destacamos que em nossa análise observamos que o eleitor de direita da classe ideólogos é contra a manutenção e ampliação dos direitos sociais ao contrário do eleitor de direita da classe quase ideólogos, que é a favor da manutenção e ampliação dos direitos sociais.

Tal resultado, implica que o posicionamento político por si só não é suficiente para explicar as preferências políticas dos eleitores, indicando que podem variar em grau de concordância dentro de um mesmo posicionamento político. Em segundo lugar, aponta a utilidade de técnicas de análise que considerem a heterogeneidade populacional ao contrário de métodos consensuais de análise. Nesse sentido, destacamos a importância do sistema de crenças políticas como mecanismo central de decisão e julgamento em conjunto com o posicionamento político. Alguns indivíduos utilizam o sistema como mecanismo de decisão e julgamento. No entanto, para indivíduos, fortemente ideológicos, o sistema de crenças políticas age como elemento que reforça o posicionamento político.

O estudo confirma que eleitores com sistema de crenças políticas menos consistentes apresentam uma propensão maior de mudarem de voto. Sabendo usar esta propensão, os partidos políticos e políticos podem ter resultados significativos, incentivando a prática boca a boca entre seus eleitores, em conjunto com outras técnicas de marketing político, como, por exemplo, grupos de redes sociais, para alcançarem maior número de eleitores, pelo fato de que eleitores indecisos tendem a escolherem seus votos por indicações de familiares e pessoas próximas, como aponta a teoria sociológica do comportamento eleitoral.

Além disso, a utilização de mecanismos de mapeamento de perfil político, como o utilizado pelo *Cambridge Analytica* em conjunto com envio de mensagens em massa, *fake News* ou não em conjunto com as redes sociais serão cada vez mais comuns nas eleições por empresas do mercado político. Contudo, espera-se que a democracia consiga sobreviver a tais práticas obscuras.

Dadas as limitações deste estudo, sugerimos a realização de estudos similares com uma amostra probabilística randomizada.

Recomendamos analisar os sistemas de crenças políticas dos eleitores que votam em branco, anulam ou se abstêm de votar; e os eleitores que sempre exercem o direito de escolha do voto. Lembramos que o ato de votar é um elemento da participação política. Também, sugerimos analisar, por meio de experimentos, como os sistemas de crenças políticas se relacionam com compartilhamento e divulgação de *fake News* por redes sociais.

REFERÊNCIAS

- AJZEN I., Fishbein M. **Understanding Attitudes and Predicting Social Behavior**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1980.
- BALDASSARRI, Delia; GOLDBERG, Amir. Neither ideologues nor agnostics: Alternative voters' belief system in an age of partisan politics. **American Journal of Sociology**, v. 120, n. 1, p. 45-95, 2014.
- BAQUERO, Marcelo. Cultura(s) política(s) e democracia no século XXI na América Latina. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- BAQUERO, Marcelo. O desencanto com a democracia: análise do comportamento eleitoral dos gaúchos nas eleições de 1994. **Opinião Pública**, v. 2, n. 2, p. 73-94, 1994.
- BARON, R.; & KENNY, D. The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1173-1182, 1986.
- BORBA, Julian. Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. **Opinião pública**, v. 11, n. 1, p. 147-168, 2005.
- BORBA, Julian. Participação política: uma revisão dos modelos de classificação. *Sociedade e Estado*, v. 27, n. 2, p. 263-288, 2012.
- BOUTYLINE, Andrei. Improving the measurement of shared cultural schemas with correlational class analysis: Theory and method. *Sociological Science*, 4, p. 353– 393. 2017.

BOUTYLINE, Andrei; VAISEY, Stephen. Belief network analysis: A relational approach to understanding the structure of attitudes. **American Journal of Sociology**, v. 122, n. 5, p. 1371-1447, 2017.

BRANDT, Mark J. Estimating and examining the reliability of belief system networks. **Working paper**. Tilburg: Tilburg University, 2020.

BRATLI, Bjørn H. **The Norwegian Voter: A Study of Political Beliefs and Voting Behavior**. Master's thesis in political Science. Oslo: University of Oslo, 2018.

BURGETTE, Lane; GRIFFIN, Beth Ann; MCCAFFREY, Dan. Propensity scores for multiple treatments: A tutorial for the mnps function in the twang package. **R package**. Rand Corporation, 2017.

CAMPBELL, Angus; CONVERSE, Philip E.; MILLER, Warren E.; STOKES, Donald E..**The American Voter: an abridgment**. New York: Wiley, 1964.

CARLIN, Ryan E.; SINGER, Matthew M. Support for Polyarchy in the Americas. **Comparative Political Studies**, v. 44, n. 11, p. 1500-1526, 2011.

CHONG, Dennis; DRUCKMAN, James N. Framing theory. **Annu. Rev. Polit. Sci.**, v. 10, p. 103-126, 2007.

CONVERSE, Paul . Information Flow and the Stability of Partisan Attitudes. *The Public Opinion Quarterly*, v.26 n.4, 578-599, 1962.

CONVERSE, Philip E. The nature of belief systems in mass publics. **Critical review**, v. 18, n. 1-3, p. 1-74, [1964] 2006.

DIMAGGIO, Paul., Sotoudeh, R., Goldberg, Amir.; Shepherd, H. Culture out of attitudes: Relationality, population heterogeneity and attitudes toward science and religion in the US. **Poetics**, 68, 31-51. 2018.

DIMAGGIO, Paul. Culture and cognition. **Annual review of sociology**, v. 23, n. 1, p. 263-287, 1997.

EMIRBAYER, Manifesto for a Relational Sociology.**American Journal of Sociology**,v.103n.2,p.281-317,1997.

ESEB 2014, **Brazilian Electoral Survey 2014**. Disponível em <<http://www.cesop.unicamp.br>>. Acessado em Outubro de 2018.

FAETI, Filipe V.; GIMENES, Éder R.. Cultura política e Poder Local: estatismo segundo os vereadores de Santa Catarina. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 9, n. 1, 2018.

FIORINA, Morris P.; ABRAMS, Samuel J. Political Polarization in the American Public. **Annual Review of Political Science** v.11, p. 563-588, 2008.

GOLDBERG, Amir. Mapping shared understandings using relational class analysis: The case of the cultural omnivore reexamined. **American Journal of Sociology**, v. 116, n. 5, p. 1397-1436, 2011.

GOODMAN, L. A. Snowball Sampling. **Annals of Mathematical Statistics**, v. 32, n. 1, p. 148-170, 1961.

HAIR,Jr. Joseph. F.; BLACK, William C.; BABIN, Barry J.; ANDERSON, Rolph E. **Multivariate Data Analysis**, 8a ed., Upper Saddle River: Prentice-Hall, 2018.

HAYES, A.F. Introduction to Mediation, Moderation, and Conditional Process Analysis. New York: Guilford Press, 2017.

HECKMAN, James J. The common structure of statistical models of truncation, sample selection and limited dependent variables and a simple estimator for such models. *Annals of economic and social measurement*, volume 5, number 4. NBER, 1976. p. 475-492, 1976.

HUNZAKER, MB Fallin; VALENTINO, Lauren. Mapping Cultural Schemas: From Theory to Method. **American Sociological Review**, v. 84, n. 5, p. 950-981, 2019.

IACOBUCCI, Dawn. Mediation analysis and categorical variables: The final frontier. *Journal of Consumer Psychology*, v. 22, n. 4, p. 582-594, 2012.

- JENNRICH, Robert I. An asymptotic χ^2 test for the equality of two correlation matrices. **Journal of the American Statistical Association**, v. 65, n. 330, p. 904-912, 1970.
- JOST, J.T. The end of the end of ideology. **American Psychologist**, 61, 651–670. 2006.
- JOST, John T. Ideological asymmetries and the essence of political psychology. **Political psychology**, v. 38, n. 2, p. 167-208, 2017.
- JOST, John; FEDERICO, Christopher; NAPIER, Jaime. Political Ideology: Its Structure, Functions, and Elective Affinities. **Annual Review of Psychology** v. 60 n.1 p.307–37, 2009.
- LAPOP. The Political Culture of Democracy in the Americas. **O Barómetro das Américas 2016 Questionário Brasil**. Vanderbilt University, 2017.
- LEUNG, Kwok; BOND, *et al.*, Social axioms: The search for universal dimensions of general beliefs about how the world functions. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 33, n. 3, p. 286-302, 2002.
- MCNAIR, Brian. An introduction to political communication. 5 ed. Londres: Taylor & Francis, 2011.
- MARTIN, J. L. The relation of aggregate statistics on beliefs to culture and cognition. **Poetics**, v.28n.1, p.5-20, 2000.
- MARTIN, John Levi; DESMOND, Matthew. Political Position and Social Knowledge 1. **Sociological Forum**. v.25, n.1. p. 1-26, 2010.
- MOHR, J.; WHITE, H. How to Model an Institution. **Theory and Society**, v.37, p.485-512, 2008.
- NAPIER, Jaime L.; JOST, John T. Why are conservatives happier than liberals?. **Psychological Science**, v. 19, n. 6, p. 565-572, 2008.
- NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **La espiral del silencio** - Opinión pública: nuestra piel social. Barcelona: Ediciones Paidós, 2003.
- RAWLINGS, Craig M.; CHILDRESS, Clayton. Emergent Meanings: Reconciling Dispositional and Situational Accounts of Meaning-Making from Cultural Objects. **American Journal of Sociology**, v. 124, n. 6, p. 1763-1809, 2019.
- ROSSONI, L.; GONÇALVES, C. P.; SILVA, M. P.; GONÇALVES, A. F. Mapping Organizational Culture Schemas Based on Correlational Class Analysis: A Tutorial. **RAC**, v. 25, n. 1, p. e200096-e200096, 2021.
- SAMMUT, G.; BAUER, M. W. Social influence: modes and modalities. In HOOK, D.; FRANKS, B.; BAUER, M. W. **The social psychology of communication**, p. 87–106. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.
- STRAUSS, Claudia; QUINN, Naomi. **A cognitive theory of cultural meaning**. New York: Cambridge University Press, 1997.
- TOOMET, Ott; HENNINGSEN, A. Sample selection models in R: Package sampleSelection. **Journal of statistical software**, v. 27, n. 7, p. 1-23, 2008.
- VAN BAVEL, Jay J.; PEREIRA, Andrea. The partisan brain: An Identity-based model of political belief. **Trends in cognitive sciences**, v. 22, n. 3, p. 213-224, 2018.
- XIE, Yu. Population heterogeneity and causal inference. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 110, n. 16, p. 6262-6268, 2013.
- WOOD, M. L.; STOLTZ, D. S.; VAN NESS, J.; TAYLOR, M. A. Schemas and frames. **Sociological Theory**, v.36, n3, p.244-261, 2018.
- WU, Angela Xiao. “Ideological Polarization Over a China-as-Superpower Mindset: An Exploratory Charting of Belief Systems Among Chinese Internet Users, 2008-2011.” **International Journal of Communication** v. 8, p. 2243–2272, 2014.
- ZIZEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. São Paulo: Boitempo, 2014.